

RESENHA

ELIAS, D. **Globalização e agricultura:** A região de Ribeirão Preto – SP. Coleção Campi; 21. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.



Diana Mendonça de Carvalho

Mestre pelo Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGEO)/UFS.
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Transformações sobre o Mundo Rural.
E-mail: dianamendoncadecarvalho@yahoo.com.br

O texto é resultado de uma tese produzida no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da FFLCH (USP). O livro em questão apresenta como tema central, a globalização da agricultura e sua repercussão na economia da Região de Ribeirão Preto. O objetivo da autora é fazer uma análise dialética da construção sócio-espacial da região de Ribeirão Preto/SP, verificando o processo de organização da economia, da sociedade e do território através da correlação de condições locais com os aspectos da ordem global hegemônica.

A justificativa parte do fato da região de Ribeirão Preto ter se tornado uma das principais manchas agropecuárias do país. Fundamentada na teoria geográfica do Espaço, segundo estudos de



Milton Santos, a autora mostra que as transformações provocadas pela modernização da agropecuária contribuíram para a intensificação de fixos e fluxos e para a estruturação das redes. Tal modificação explica-se nas políticas de implantação de infra-estruturas, na consorciação da produção agrícola e industrial, na expansão da atividade comercial e de prestação de serviços, na especialização das atividades, no crescimento populacional e na conseqüente urbanização.

A problemática perpassa a modernização do setor agropecuário, com a instalação das indústrias de processamento e dos centros de comercialização desses produtos, por meio da intervenção do Estado na promoção de infra-estrutura. Além disso, toma-se como base as inovações científicas, a aceleração tecnológica e a presença das grandes corporações agroindustriais, para mostrar como as respectivas áreas urbanas dessa região se originaram e cresceram por ação do capital (“urbanismo corporativista”) provindo das atividades do campo.

Por conseguinte, essa obra foi subdividida em seis capítulos: O primeiro, “*Região de Ribeirão Preto: Um Espaço de Análise e de Síntese*” relata os pressupostos teóricos e os elementos que estruturam o Espaço Geográfico. Nesse item, a autora mostra que a modernização dos sistemas produtivos e a intensificação das redes de fluxos têm ocorrido em todos os lugares, mesmo que de forma indireta, configurando, assim, uma nova ordem econômica mundial e um espaço geográfico mundializado.

A consolidação do espaço mundializado se reforça na expansão do meio técnico-científico-informacional através do aumento do número de fixos que articulados entre si consolidam os sistemas de fluxos e de redes. Essa organização funcional e estrutural contribuiu na configuração territorial com a realização de fluxos de produção e de consumo. Sendo que a materialização dos fixos e dos fluxos no espaço não ocorre em todos os lugares de forma homogênea, mas em áreas que são privilegiadas por segmentos econômicos e sociais, e nas que se mostram receptíveis às novas formas de produção, distribuição e consumo.

O segundo capítulo, “*Reestruturação Produtiva da Agropecuária*”, trata da reestruturação da agropecuária brasileira e da inclusão dos elementos técnicos e científicos. Por esse contexto, a utilização intensa de capital, tecnologias, informação, mão-de-obra especializada



e de produtos industriais contribuiu para o desenvolvimento conjunto da agricultura e da indústria.

O desenvolvimento da “indústria agrícola” se deu não só atrelada as necessidades do campo, e por isso direcionada a produção de fertilizantes, adubos, tratores, pulverizadores e etc., mas também, ao segmento de processamento da produção. Toda essa modernização do setor agropecuário é resultado das inovações físico-químicas, mecânicas e biológicas, que colaboram para a reorganização e especialização da produção, com o desenvolvimento de culturas mais rentáveis financeiramente e integradas com as atividades industriais.

O terceiro capítulo, “*Organização dos Complexos Agroindustriais*”, analisa a relação entre produção industrial e agropecuária e os circuitos espaciais de produção e de cooperação. Nessa circunstância, a intensa e moderna atividade agropecuária desenvolvida na região de Ribeirão Preto ajudou no desenvolvimento do setor industrial processador de matérias-primas agropecuárias e do setor industrial de insumos, tornando a região exportadora de produtos agroindustriais, de máquinas e de equipamentos agrícolas.

A modernização do campo e a sua associação a atividade industrial na região de Ribeirão Preto, acabou destruindo as pequenas unidades policultoras e as integrando, através da compra, aos grandes complexo agroindustriais, principalmente no setor canavieiro e citrícola. Esses dois complexos foram capazes de gerar intensa acumulação e concentração de capitais na região e de influenciar nas atividades culturais, a exemplo do Country, com a festa de Peão e Boiadeiros. Promoveram ainda, intensa modernização da estrutura técnico e social, acarretando a aceleração da urbanização e do crescimento demográfico que resultaram no desenvolvimento dos setores secundários e terciário nas cidades e na intensificação da relação entre campo e cidade.

No quarto capítulo, é analisada a expansão do consumo, das trocas e da circulação, sob a ótica do comércio e dos serviços. Por meio dessas atividades, a segregação dos espaços de produção e de comercialização ampliou a economia e a necessidade de preceitos técnicos, financeiros e políticos que contribuíssem para a penetração da ciência e da tecnologia na produção, distribuição e transporte de novos produtos e na prestação de serviços especializados. Deste modo, a modernização da agropecuária auxiliou na interligação maior



com a área urbana circundante, pois a cidade além de receptora de produtos agrícolas é quem apresenta e responde pela demanda do campo por produtos e serviços novos.

As cidades modernas, ligadas à demanda de produtos agropecuários, apresentam funções comuns ao circuito superior. Entre elas, destaca-se a existência de supermercados e Shopping Center(s), a presença de fixos e de fluxos que interligam o campo a cidade, o número de veículos particulares, a existência do transporte coletivo urbano, a frota para transporte de cargas, as agências bancárias, a utilização de aeronaves e o sistema de telecomunicações. Todas essas funções são comuns a região de Ribeirão Preto e faz com que ela esteja interligada a nova ordem econômica mundial.

Todavia, a Região de Ribeirão Preto não é lembrada apenas pelas atividades agroindustriais, exercendo importância nacional com atração: 1- nos setores médico-hospitalares, sediando o hospital das clínicas da Faculdade de Medicina da USP, especializada nos tratamentos cardíacos e na realização de transplantes; e 2- na prestação de serviços educacionais, desde a pré-escola aos cursos de pós-graduação, com campus instalados nas cidades de São Carlos, Araraquara, Franca, Jaboticabal e Ribeirão Preto. Nesse ponto, as universidades públicas existentes exercem função de destaque, cujos centros de pesquisa funcionam como instrumento na promoção do crescimento econômico da região. Essas atividades, aliada ao desenvolvimento do setor agroindustrial, ao crescimento demográfico e urbano têm apresentado uma nova divisão social e territorial que gera novas formas de produção e causa desemprego, contribuindo para a expansão do circuito inferior da economia nas áreas urbanas.

O capítulo 5 e 6 refletem a economia política das cidades, observando o trabalho especializado no campo e na cidade, assim como os resultados da modernização empreendida, da acelerada urbanização e da desordem ocasionada.

O crescimento das cidades está atrelado à ação governamental que direciona os vetores da expansão e espraia sua ocupação por áreas cada vez mais distantes do centro. Esse crescimento segue os eixos de circulação e induz a formação de espaços vazios que acompanham a tendência do mercado e buscam a valorização imobiliária, tornando algumas áreas mais privilegiadas em relação a outras. Logo, a segregação espacial intensifica-se e distancia os menos favorecidos das áreas mais valorizadas.



Pelo exposto, verifica-se que o sistema capitalista é contraditório, já que de um lado se desenvolve acumulando riquezas e de outro gerando miséria. Isso é exemplificado pela difusão do meio técnico-científico-informacional na Região de Ribeirão Preto, onde as mudanças técnicas na produção agropecuária, o crescimento dos complexos agroindustriais, a concentração fundiária e o desenvolvimento de novas relações sociais de produção tem criado novas horizontalidades quando da modernização agropecuária e agroindustrial, e novas verticalidades, em função da demanda por produção.

Em decorrência disso, houve uma expansão de fixos, dotados de intencionalidades específicas, direcionados aos setores econômicos e sociais hegemônicos, integrados ao circuito superior da economia e com caráter especulativo; e ampliação de fluxos de tecnologia, de informação e de mercadorias que com a intervenção do Estado em infra-estrutura não só deu sustentabilidade ao processo de organização da produção agrícola e agroindustrial, como também, apoiou as trocas de toda a natureza, difundindo o comércio e a prestação de serviços que tiveram profundos impactos na vida profissional da região.

Contudo, as transformações desencadeadas pela revolução técnico-científico-informacional não se manifestam apenas no setor produtivo, agroindustrial, de produção, distribuição e consumo, elas se manifestaram também, nas transformações sucessivas da geografia da região, onde houve uma revolução demográfica e urbana.

Deste modo, o texto relata a transformação do espaço, que do antigo ao novo, em termos de configuração e estrutura, passa a ser caracterizado por grande número de fixos e fluxos, nos quais as cidades definem novas demandas, produzidas pelo meio rural da região, ou importados de fora dessa área.

